


REPENSANDO NOTICIABILIDADE A PARTIR DA DIÁSPORA: POR UMA PROPOSTA DE CRITÉRIOS AFROCENTRADOS E DECOLONIAIS NO JORNALISMO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-058>

Data de submissão: 07/02/2025

Data de publicação: 07/03/2025

Aline da Silva Novaes

Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC)
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
E-mail: alinenovaes@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3548-1532>
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1252732507828167>

Daniel Rangel Rodrigues

Mestrando em Comunicação (PUC)
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
E-mail: danielrodrigues@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9287-6133>
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2741273827573680>

Leonel Azevedo de Aguiar

Doutor em Comunicação (UFRJ)
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
E-mail: leonelaguiar@puc-rio.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1220-2131>
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3833374955831745>

RESUMO

Ao realizar uma análise dos valores-notícia de reportagens publicadas em meios de comunicação hegemônicos, percebeu-se a urgência da elaboração de novos critérios de noticiabilidade a partir das perspectivas afrocentrada e decolonial. Assim, surgiu o CEP - Contexto, Empatia e Partilha. Neste artigo, o objetivo é examinar publicações de veículos alternativos tendo como fundamentação teóricos como Stuart Hall, Aníbal Quijano, Abdias Nascimento e os novos critérios propostos. Uma tentativa, portanto, de verificar a relevância dessa contribuição para o campo das Teorias do Jornalismo.

Palavras-chave: Teorias do Jornalismo. Decolonialidade. Mídias Alternativas. Diáspora.

1 INTRODUÇÃO

1.1 ABRINDO OS TRABALHOS

Todas as comunidades de matrizes africanas na diáspora reivindicam hoje duas coisas complementares: a inclusão nas sociedades que escravizaram seus antepassados africanos e seus descendentes não no sentido assimilacionista, mas reconhecendo ao mesmo tempo sua identidade ancorada por um lado na continuidade africana, daí a importância de ensinar a história e a cultura africana e, por outro lado, nas culturas de resistência que elas criaram no novo mundo em defesa de sua dignidade e liberdade humanas, daí a importância de ensinar também a história e a cultura negra na diáspora.

Munanga

Não se pode negar que as construções identitárias das pessoas pretas, sobretudo no Brasil, vão traçar um caminho diante da sociedade estabelecida em um alicerce colonizador. O referencial de indivíduo, passível de admiração e reprodução de seus atos, é o branco. No pensamento racista enraizado em nossas relações, os aspectos negros estéticos, culturais e identitários não são enxergados de forma positiva. Os negros são, portanto, destinados a destruir tudo o que a ancestralidade construiu e reconstruir suas ações a partir de uma concepção eurocentrada. Isto significa abandonar a própria linguagem para assumir a linguagem de um corpo estranho que diz como se comportar. A fim de explicar algumas causas dessa violência, o teórico Aníbal Quijano parte do conceito de colonialidade do poder:

O que sua globalidade implica é um piso básico de práticas sociais comuns para todo o mundo, e uma esfera intersubjetiva que existe e atua como esfera central de orientação valorativa do conjunto. Por isso as instituições hegemônicas de cada âmbito de existência social são universais para a população do mundo como modelos intersubjetivos. Assim, o Estado-nação, a família burguesa, a empresa, a racionalidade eurocêntrica. (QUIJANO, 2005, p.124).

Primeiramente, precisamos reconhecer que consideramos o comportamento social atual individualista. A verdade é que as individualidades sempre existiram, porém a maneira de exercê-las foi transformada junto com os sujeitos. Entretanto, as novas construções identitárias não são uma escolha livre da sociedade. Essas mudanças são consequências das condições históricas e culturais que lhe são acessíveis. Nesse sentido, Hall afirma:

(...) e os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os 'autores' ou os agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores. (HALL, 2003, p.35).

É importante salientar que tais condições foram criadas por brancos, sobretudo os homens, cisgêneros e heterossexuais, aos quais são designados os maiores cargos de lideranças empresariais,

grandes mídias e poder público. Portanto, é a quem foi dado o poder de decisão. Entende-se que as construções de identidades não partem de uma concepção racional. Somos formados por diversos impactos sociais, psíquicos e culturais que definem o nosso ser individual.

Quando construímos o imaginário da prática jornalística estabelecida ainda hoje, há uma disparidade em relação a essas transformações sociais. Se entendemos que, a partir do surgimento da internet houve uma revolução no modo de produzir, veicular e consumir informação, por que o processo de elaboração das pautas ainda segue os mesmos moldes ditos tradicionais?

Para dar conta de uma sociedade mais ativa nos processos jornalísticos, questionadora e reivindicatória, é necessário reformular os critérios de noticiabilidade e valores- notícia aplicados. Assim como Nelson Traquina revisitou os primeiros critérios de noticiabilidade desenvolvidos por Galtung e Ruge e os atualizou a partir de suas percepções, é necessária uma revisão contínua a partir das demandas que emergem na sociedade.

No Brasil, onde a população é majoritariamente negra, com 54% de pessoas pretas e pardas, é essencial que os aspectos relacionados à interação com a notícia social sejam analisados por esse prisma. Em uma sociedade marcada pela diáspora africana e ainda profundamente ferida pelo legado da colonização, o jornalismo, por sua própria natureza, não deveria contribuir para a perpetuação de estereótipos e relações racistas. Como afirma o sociólogo Carlos Alfredo Hasenbalg, “o racismo, cuja essência reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não-brancos, constituiu uma justificativa para exercer o domínio sobre os povos de cor” (HASENBALG, 1982, p. 69). O avanço desse processo colonizador ocorre por meio da imposição de um modelo de domesticidade, ou seja, de um comportamento moldado como “correto”. Esse enquadramento busca padronizar manifestações culturais, étnicas e estéticas, promovendo, conseqüentemente, uma forma de limpeza racial.

Cabe acrescentar as colaborações do professor e pesquisador Muniz Sodré. No filme *Meia Hora e as manchetes que viram manchetes*, ele afirma que o jornalismo não tem a função de educador, mas ainda assim é um grande formador de opinião. Quando a vida de pessoas que pertencem à comunidade que consome essas informações é diminuída, reforça-se toda a estrutura problemática estabelecida. Não é um processo ético, já que se assume a responsabilidade de manutenção de preconceitos e de violência a essa comunidade. Nessa linha, uma fala da professora do curso de Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Sylvia Debossan, chama atenção: “Não é elevar o nível intelectual, é elevar o nível de consciência. Porque o jornal é o intermediário entre os fatos e o público”.

Percebe-se, então, que a maioria dos veículos hegemônicos, ao se comunicar diretamente com o público que permeia todo o debate deste trabalho, estabelece uma comunicação com uma hierarquia vertical, direcionando o comportamento de quem Stuart Hall vai chamar de ‘subalternizados’ - a diáspora.

Em *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, Stuart Hall fala sobre a diferença da sociedade Multicultural para o Multiculturalismo. Ele explica que, em uma comunidade com ampla diversidade e trocas culturais, os sujeitos multiculturais são inerentes a essa realidade. Para ele, a diáspora cria deslocamentos culturais, a partir dos quais as identidades são continuamente reformuladas e renegociadas. Dessa maneira, as pessoas em diáspora não mantêm uma identidade única e imutável, mas desenvolvem novas formas de ser a partir de suas experiências de deslocamento. O foco é no processo contínuo de formação e transformação das identidades culturais, sem uma resolução final, mas com constante renegociação e adaptação.

A história do movimento negro no Brasil é marcada por lutas, apagamentos e resistências. Refletir sobre esse percurso, como faz Abdias Nascimento, exige que enfrentemos a precariedade de informações disponíveis sobre o tema. Esse apagamento histórico das culturas negras, estruturado ao longo de séculos, representa um dos maiores desafios para a construção de análises efetivas e para a reivindicação de direitos. No entanto, como um dos valores afro-brasileiros é a circularidade, não há necessidade de que essa história siga uma narrativa linear. O importante é recuperar memórias ancestrais para reivindicar os espaços que têm sido sistematicamente negados. Como Nascimento observa, deve-se considerar:

A precariedade do registro correto da própria trajetória de uma comunidade destituída de poder econômico e político, e de um movimento composto de entidades quase sempre sujeitas à instabilidade e à falta de recursos, infraestrutura, espaço físico, e apoio de outros setores da sociedade civil” (NASCIMENTO, 2000, p. 203).

A presença e a contribuição africana são elementos estruturais do país, e a luta contra o racismo e a escravidão sempre foi parte intrínseca dessa trajetória. Para Abdias do Nascimento, “não existe o Brasil sem o africano, nem existe o africano no Brasil sem o seu protagonismo de luta anti-escravista e anti-racista.” (NASCIMENTO, 2000, p. 204).

No entanto, o papel do jornalismo em registrar e narrar essa história enfrentou desafios que remontam ao período colonial e ainda perduram. Muitas vezes, as grandes comunicações, subordinadas a interesses mercadológicos, priorizam atender a um grupo restrito, deixando de cumprir sua função social de interesse público. Essa lógica comercial não apenas priva a sociedade de informações fundamentais, mas também consolida narrativas que reforçam preconceitos. Um exemplo

clássico são as manchetes racistas, que marginalizam e criminalizam corpos negros, perpetuando estigmas profundamente enraizados no imaginário social.

Contra essa corrente, as mídias alternativas surgem como ferramentas essenciais para a luta antirracista e decolonial. Por serem independentes, elas não estão submetidas a interesses de grandes marcas, empresas ou políticos, mas, ao contrário, têm como objetivo informar e desafiar estruturas que mantêm a exclusão social. Nesse contexto, os veículos antirracistas desempenham um papel crucial na desestabilização da desinformação proposta que visa à segregação racial. Abdias Nascimento destaca a importância histórica de uma imprensa negra ativa já no início do século XX:

Antes da década de 1920, já surgia uma imprensa negra que continuou bastante ativa, especialmente em São Paulo, com jornais como *O Menelike*, *O Kosmos*, *A Liberdade*, *Auriverde*, e *O Patrocínio*. Em 1920 nasceu 'O Getulio', fundado por Lino Guedes para tratar assuntos de interesse à comunidade afro-campineira. O *Clarim d'Alvorada*, fundado por José Correia Leite e Jayme de Aguiar em 1924, já anunciava o grito de protesto que se cristalizaria em 1931 com a fundação da Frente Negra Brasileira. (NASCIMENTO, 2000, p. 204)

Esses pioneiros abriram caminho para uma nova geração de veículos contemporâneos, como o *Mundo Negro*, *Alma Preta Jornalismo*, *Nós*, *Mulheres da Periferia*, e outros que seguem essa mesma lógica combativa. Veículos como *Mídia Ninja*, *Intercept Brasil* e *Intervozes* também se alinham a essa perspectiva, mesmo quando não são exclusivamente voltados para a comunidade negra. A história dessas mídias alternativas é uma extensão do que a Frente Negra Brasileira simbolizou: “a maior expressão da consciência política afro-brasileira da época, consciência essa formada ao reagir contra o aspecto mais evidente do racismo, a sistemática de segregação e exclusão à base de critérios raciais.” (NASCIMENTO, 2000, p. 206)

Ao analisar o papel das mídias alternativas na construção de critérios de noticiabilidade decoloniais e antirracistas, precisamos considerar a força dessas plataformas como parte de uma luta contínua pela democratização da comunicação e pelo resgate das histórias que foram silenciadas. Essa é uma narrativa que resiste e se reinventa, rompendo com as amarras eurocêntricas que ainda permeiam a sociedade brasileira. Para seguir neste assunto, é fundamental recorrer ao conceito de colonialidade do poder do sociólogo peruano Aníbal Quijano:

Já em sua condição de centro do capitalismo mundial, a Europa não somente tinha o controle do mercado mundial, mas pôde impor seu domínio colonial sobre todas as regiões e populações do planeta, incorporando-as ao “sistema-mundo” que assim se constituía, e a seu padrão específico de poder. Para tais regiões e populações, isso implicou um processo de re-identificação histórica. (QUIJANO, 2005, p. 121).

Cabe, também, trazer para a discussão o conceito de história única de Chimamanda Ngozi Adichie, em que ela argumenta sobre as diversidades culturais dentro de grupos que costumam ser enxergados de maneira generalizada. Para a intelectual, que traz em seus pensamentos a perspectiva afrocentrada, a história única é um conceito desenvolvido para entender o comportamento de corpos brancos com pessoas afrodescendentes. A autora destaca, então, como a mídia cria uma história única desse povo a ponto da sociedade ocidental ter uma visão limitada das culturas e vivências dessas pessoas. A partir do momento em que a mídia categoriza o povo muitas vezes como uma só coisa, o povo torna-se aquela verdade.

No Brasil, podemos considerar a recorrente associação de pessoas negras à marginalidade, criminalidade, pobreza, raiva, agressividade e, em alguns lugares, à preguiça e malandragem, ou a todos os aspectos negativos relacionados aos estereótipos das pessoas negras no Brasil. O perigo da história única está em reduzir toda uma comunidade a uma única possibilidade.

Esse universo é reforçado pelo sistema e reconstruído no imaginário social constantemente nas nossas relações culturais. De certa forma, nossas subjetividades são construídas a partir dessas perspectivas ocidentalizadas de nossos corpos. É interessante observar também que os processos de construção de identidade dessas pessoas racializadas não são os mesmos dos ocidentalizados, ou dos ditos grupos majoritários, que neste caso estão associados aos grupos que impõem suas hegemonias. “Nesse sentido, a pretensão eurocêntrica de ser a exclusiva produtora e protagonista da modernidade, e de que toda modernização de populações não-europeias é, portanto, uma europeização, é uma pretensão etnocentrista e além de tudo provinciana”. (QUIJANO, 2005, p. 123)

Ao trazer essa discussão para o campo das questões das teorias do jornalismo, mais especificamente, dos critérios de noticiabilidade e valores-notícia, nota-se que é urgente a formulação de novos critérios de noticiabilidade a partir de perspectivas afrocentrada e decolonial. Assim, surge a proposta de três novos critérios com o objetivo de produção de notícias comprometidas com o debate antirracista: Contexto, Empatia e Partilha (CEP), que servem como fundamentação teórica para análise de reportagens publicadas na grande imprensa.

2 CEP

É importante ressaltar que a sigla CEP se assemelha ao Código de Endereçamento Postal, criado pela Empresa Brasileira de Correios em 1971 com objetivo de facilitar a separação e entrega de correspondências. Coincidência ou inspiração, aqui trataremos de Contexto, Empatia e Partilha.

São recorrentes os casos naturalizados de assassinatos de pessoas pretas em espaços públicos. Não significa que, antes das mídias digitais surgirem como solução de denúncia desses crimes, os

fatos não acontecessem. A realidade anterior era que os veículos hegemônicos não tratavam esses episódios como relevantes à sociedade, escancarando posicionamentos racistas aplicados na ideologia dos veículos. Os grupos de pressão que se formam na internet reivindicam cada dia mais que a mídia hegemônica se posicione e noticie esses crimes para que casos assim não sejam mais naturalizados.

Sobre o papel dos profissionais de imprensa de selecionar o que é notícia, em “Para pensar critérios de noticiabilidade”, Gislene Silva traz a sua visão de como configura noticiabilidade:

todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo de produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, G., 2014, p. 52)

Leonel Aguiar também conceitua o termo. Para o autor, “se a noticiabilidade é um conjunto de critérios e operações que controla a quantidade e qualidade dos acontecimentos, com a finalidade de selecionar os que serão produzidos como informação jornalística, a sua aplicação está baseada nos valores-notícia” (AGUIAR, 2014, p. 227). Esses valores-notícia serão base para diversos estudos do campo das Teorias do Jornalismo.

Para conseguirmos nos atentar sobre quem estamos falando, precisamos analisar o contexto da notícia. Para quem essa notícia é relevante? Quem precisa ter conhecimento dessa notícia? Por que o público precisa acessar a notícia? Em que contexto social as pessoas relacionadas à notícia estão? Quais impactos serão gerados às pessoas relacionadas à notícia e ao público inserido no mesmo contexto social? Esses fatores precisam ser analisados no processo de construção da notícia. Assim, surge o critério “contexto”.

Ao abordar o movimento pan-africanista, Abdias Nascimento destaca que “a revolução pan-africana deve assumir como tarefa prioritária a responsabilidade de garantir o resgate da consciência negra, a qual tem sido violada, distorcida e agredida de muitas formas e maneiras” (NASCIMENTO, 2019, p. 104.). Inspirado no movimento, nasce o critério de noticiabilidade “empatia”, que se coloca como uma forma de pensar no indivíduo referente à notícia e na maneira de representar aquele corpo. Diante disso, no processo de produção da notícia, por esse critério, cabe analisar o fato do ponto de vista de cada pessoa relacionada a ela.

Com o critério “partilha”, a intenção é que o jornalismo seja atuante no fortalecimento de pessoas pretas. Esse critério impulsiona um jornalismo atento, que entende que, através dessa comunidade, é possível alimentar os meios de informação com conteúdos fornecidos por essas pessoas e fomentar suas culturas. Cuidar de organizar a luta é um imperativo da sobrevivência como um povo.

3 TUDO QUE NÓS TEM É NÓS¹

Este trabalho se soma a outras reflexões que apontam para a necessidade de produzir notícias que sejam de fato representativas. O que torna a notícia representativa, sabemos, está relacionado também aos locais em que ela foi veiculada. Para atender à demanda de uma sociedade que carece de informação produzida numa perspectiva decolonial, com o olhar afrocentrado, surgiram alguns veículos alternativos. Entre eles, destacamos o *Alma Preta Jornalismo*, *Mundo Negro* e o *Nós Mulheres da Periferia*. Em “Jornalismo a partir da lógica decolonial: o caso do Nós Mulheres da Periferia”, os autores reforçam a necessidade de uma revisão dos saberes jornalísticos, a partir da compreensão da importância das representações sociais:

Podemos perceber como dentro dos meios jornalísticos, sujeitos que não eram autorizados e autorizadas a comunicar com a sociedade, a serem ouvidos e ouvidas, passam a disputar os ambientes midiáticos de modo a tornar mais audíveis vozes que passam por subalternização colonial, racial e econômica diariamente. (LAGO, GONÇALVES, KAZAN, 2023 p.141)

No “Site Mundo Negro”, podemos observar que o veículo consegue contemplar os valores jornalísticos afrocentrados CEP na maioria de suas produções. É importante ressaltar a diversidade de editorias em que tais pautas são formuladas, como política, educação, cultura, moda, negócios e colunas — não só nas páginas policiais. Dessa forma, aplicam-se os três critérios de noticiabilidade e valores-notícia, em que considera: o contexto das pessoas relacionadas à notícia, com capacidade real de empatia, de transferência de emoções não estigmatizadas e a partilha de saberes coletivos afrocentralizados, como vemos nos exemplos abaixo.



Já na agência de notícias “Alma Preta Jornalismo”, observam-se pautas que não estão diretamente relacionadas a conteúdos racializados. Mas, partindo do contexto em que estamos estruturados, em que todos os aspectos sociais e informativos passam pelas subjetividades raciais, as

¹ Verso da música “Principia” (2019), do rapper paulista Emicida, com participação de Pr. Henrique Vieira, Pastoras do Rosário e Fabiana Cozza.

notícias são produzidas por uma ótica afrocentrada. Dessa maneira, notícias do cotidiano são retratadas de forma diferente, desde a definição de relevância da notícia, tratamento e veiculação.



CULTURA

Pesquisa: 83% dos filmes dirigidos por negros no Brasil surgiram de 2010 a 2020



AGENDA

Museu Afro Brasil Emanuel Araujo e BATEKOO celebram orgulho LGBTQIAPN+ com oficina gratuita



POLÍTICA

Comissão da Câmara aprova aumento de pena para crime de abuso de incapaz

O ‘Nós mulheres da periferia’, que se define como “uma redação de mulheres periféricas registrando seu jeito de ver o mundo”, é um exemplo bem nítido do critério de noticiabilidade “partilha”. O veículo tem uma ampla produção de entrevistas, textos de opinião e reportagens que contemplam pautas invisibilizadas de gênero e raça. Aqui, selecionamos algumas:



14 ABR 24

Quem vive tempo suficiente para se aposentar no Brasil?

Conversamos com a especialista Ana Paula Mauriel sobre o agravamento das desigualdades a partir da Reforma da Previdência e sobre os prejuízos para as mulheres. Confira!

NOTÍCIAS **APOSENTADORIA**
DIREITOS TRABALHISTAS



14 ABR 24

O relato de uma mãe que há um ano busca diagnóstico para o filho

Karoline Miranda é mãe de Gael, que tem episódios frequentes de febre, e reflete sobre a situação das mães de crianças com doenças raras.



20 MAR 24

Piri Confeitaria: jovem faz sucesso vendendo bolos com mensagens divertidas

Milene Oliveira é dona da Piri Confeitaria, localizada em Pirituba, zona noroeste da cidade de São Paulo (SP)

HISTÓRIAS **MULHER NEGRA** **PERIFERIA**

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2022, as mulheres negras correspondem a 28% da população total brasileira. Diante disso, fica a pergunta: como é possível a grande mídia não avaliar tais pautas como urgentes e necessárias como conteúdo informativo a essa grande camada da população?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de tratar da relação entre comunidade preta e teorias do jornalismo, a reflexão aqui pretendida ressaltou as contribuições teóricas ao analisar os comportamentos sociais da diáspora pós-colonial no sentido de compreendermos as relações de poder estabelecidas de forma verticalizada e opressora para com as pessoas pretas em sociedade.

A partir disso e ciente da necessidade de romper com um sistema que oprime e afasta a comunidade preta da integração social e reforçando estereótipos, foram apresentados os critérios de noticiabilidade CEP - contexto, empatia e partilha -, caracterizados por uma perspectiva afrocentrada e antirracista. Em um segundo momento, com base nessa proposta teórica, analisamos alguns veículos de comunicação, que trazem em si um olhar atento aos sujeitos que estão sendo retratados nas notícias. Revelou-se na prática como se comporta uma mídia alternativa que produz notícias e informações com responsabilidade social, afetiva e coletiva. Ao observar esses movimentos nos meios jornalísticos, cabe ao profissional analisar quais critérios de noticiabilidade estão sendo usados nos processos de construção da notícia.

O jornalismo precisa romper com a herança colonial, ou melhor, com a colonialidade, para usar o conceito de Quijano. Apenas, a partir dessa guinada, será possível um exercício do jornalismo comprometido com questões sociais, de raça e gênero. Dessa maneira, a preocupação passará a ser sobre quem estamos falando, o contexto em que está inserido e as implicações e desdobramentos da publicação do texto jornalístico.

Para que haja uma verdadeira transformação social, é necessária a compreensão, por parte de todos os grupos sociais, dos mecanismos de opressão existentes desde a colonização. Diante de toda reflexão, é inegável a importância do jornalismo nesse processo, seja na seleção de pautas, na representação de pessoas negras nas reportagens e na defesa da democracia e dos direitos humanos na abordagem nos textos jornalísticos. Sendo assim, que se tenha a convicção para dispensar os valores que se baseiam em interesses econômicos e políticos, compreendendo de fato o que é uma notícia e seu papel social.

REFERÊNCIAS

Alma Preta. Disponível em: <www.almapreta.com.br> . Acesso em: 06 jan. 2025.

EMPATIA. In: **Dicio:** Dicionário online de português. Google, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/empatia/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas.** Bahia: Edufba, 2008.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro.** Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LAGO, Claudia; GONÇALVES, Gean; KAZAN, Evelyn. **Revista Pauta Geral- Estudos em Jornalismo,** Ponta Grossa, v.10.e221891, p.126-143, 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Ilha Revista de Antropologia,** Florianópolis v.18, 2.1, p. 107-120, 2016.

Mundo Negro. Disponível em:<www.mundonegro.inf.br>. Acesso em: 06 jan. 2025.

NASCIMENTO, Abdias; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. (Org.). **Tirando a máscara:** ensaios sobre o racismo no Brasil, São Paulo: Paz e Terra, 2000.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo:** documentos de uma militância pan- africanista. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org.). **Afrocentricidade:** uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

Nós, mulheres da periferia. Disponível em: <www.nosmulheresdaperiferia.com.br>. Acesso em: 06 jan. 2024.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SILVA, Gislaine, SILVA; Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. **Critérios de Noticiabilidade:** Problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.